

a semana em SÃO PAULO

S. PAULO, Junho — Esta resenha dos acontecimentos de São Paulo vai hoje meio "matada", o que não quer dizer que as anteriores também não o tenham sido. Todavia, esta vai mais. É que o III Congresso Paulista de Escritores tomou quase todo o tempo disponível deste correspondente nos últimos dias da semana.

Além de funcionar numa das comissões (relatar teses, senhores, sabem lá o que é isso?), teve ainda que tratar de fazer o noticiário do dito Congresso para COMICIO. Isso sem contar com as suas ocupações normais e muito menos ainda com as suas preocupações anormais, com as quais, de resto, o leitor nada tem a ver. Não conclua ligeiramente, pelas pequenas dimensões com que sairá esta seção, que não ocorreram coisas em São Paulo dignas de registro.

Ocorreram. Coisas sempre ocorrem, "belás!", para satisfação dos proprietários dos jornais e desespero dos que as descreveram. E ainda há coi-

sas que estavam ocorrendo nas semanas anteriores e continuam teimosamente a ocorrer. Como, por exemplo, a tragédia da Ilha Anchieta. Agora mesmo o deputado Cid Franco leu na Assembléia Legislativa uma carta em que são relatados detalhes espantosos sobre a displicência com que o juiz corregedor dos presídios acolheu, antes do levante famoso, certas queixas que lhe foram feitas sobre o tratamento dado aos presidiários. Consta que o dito corregedor teria declarado peremptoriamente que as famílias dos presos não tinham nada que se incomodar com os maus tratos inflingidos aos últimos, pois "preso não tem família". A ser verdadeira tal declaração, cremos ser inútil comentá-la.

Isto nos poupa espaço e, sobretudo tempo, o qual, como já dissemos, anda escasso esta semana. E agora os senhores vão nos desculpar, a conversa está muito boa, mas temos que nos despedir, pois vamos relatar algumas teses para o Congresso.

PARA O IV CENTENÁRIO

O escritor Sergio Milliet esteve recentemente na Europa, em companhia do sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, a fim de tratar das exposições de arte que farão parte dos festejos comemorativos do IV Centenário de S. Paulo, a realizar-se em 1954. Entrevistado rapidamente por COMICIO, teve ocasião de nos prestar as seguintes informações sobre os resultados de sua viagem:

— Ficou mais ou menos estabelecido que a França nos mandará uma exposição do século XVIII e a Itália uma outra do século XIX. Provavelmente teremos também uma exposição de estatúaria romana. Para a 2.ª Bienal, que se realizará concomitantemente, teremos os expressionistas belgas, os futuristas italianos e os cubistas franceses, além de outras mostras ainda dependentes de um acôrdo definitivo. A Bélgica nos mandará também uma exposição do mestre expressionista James Ensor.

Como se vê, o programa é bom e variado.

Congresso de Escritores

Conforme noticiamos pormenorizadamente noutra local, fora desta secção, está se realizando em São Paulo o III Congresso Paulista de Escritores. Para dele participarem vieram do Rio os escritores: José Lins do Rego, Marques Rebello, Rafael Corrêa de Oliveira, José e João Condé, Osório Borba, Eustáquio Duarte; do Paraná, Wilson Martins e de Minas, Francisco Ignácio Psixoto. Marques Rebello, sempre tão irrequieto, está surpreendentemente quietinho. Zé Lins é um congressista assíduo, só no sábado chegou quase no fim da sessão; e que nessa tarde se realizava o importante jogo São Paulo x Portuguesa de Desportos e o grande romancista preferiu o Pacaembú à Biblioteca Municipal...

Carta a Um Senhorio

Sr. Dean Acheson
Secretário de Estado
U. S. A.

Devo pedir-lhe desculpas por não ter ido ao encontro que o senhor teve, na A.B.I., com os jornalistas brasileiros; tanto mais que o nosso comum amigo Herbert Moses descreveu o seu tipo com estas palavras encantadoras: "majestoso, porém não ridículo".

Se faltei ao encontro, a verdade é que acompanhei, pelos jornais, sua visita ao Brasil; admirei sua estampa, especialmente seus bigodes, formosos e grandes, com duas pontas espetadas, uma para bombordo, outra para boreste; são bigodes imperiais, que lhe ficam muito bem; e conforme as guias desse bigode se voltam para um lado ou outro, o certo é que muda muito a direção dos negócios do mundo.

Mas de tudo o que senhor disse no Brasil, senhor Acheson, o que mais me impressionou foi o que disse na Câmara. Deixando de lado o discurso formal, que trazia no bolso, abriu o senhor o coração, e disse coisas raras. Das quais uma especialmente me despertou a atenção, que foi dizer o senhor que se sentia em casa.

Não esconderei que sua frase me deixou uma ponta de inveja. É que nem sempre, senhor Acheson, eu me animarei a dizer a mesma coisa. Sim, nem sempre me sinto em casa, neste país; às vezes tenho a impressão estranha e penosa de que sou um estrangeiro aqui, ou de que isso aqui é do estrangeiro. É, na verdade, o Brasil, um país estranho; não é, portanto, de admirar que a gente mesma o estranhe de vez em quando. O senhor é um homem feliz, que não estranha nada, e se sente em casa aonde quer que movimente os seus imperiais bigodes.

Na mesma ocasião o senhor falou muito em democracia, e liberdade. Desde criança ouço falar destas coisas; e sempre me disseram que seu país é um grande modelo do que elas são, e valem. Foi certamente por isso que resolvi um dia ir visitá-lo; era um velho sonho que ia realizar, e meu coração estava alegre. Pois essa alegria não durou muito; entre a minha humilde pessoa e a sua pátria da democracia postou-se um magro e implacável cônsul de costume riscadinho que me fez saber, com um sorriso maléfico e um "I'm sorry" não convincente, que o Governo dos Estados Unidos da América do Norte não tinha o menor prazer em receber a minha visita — e me negava, para encurtar conversa, o visto.

Fiquei chocado com esse contra, senhor; mas isso não tem importância porque tenho levado outros contras e choques na vida; e confessarei mesmo que essa recusa me entristeceu menos do que outras; no fundo a recusa de uma dama fere mais um homem como eu que a recusa de uma Nação — pois assim é feita, de frivolidade e incoerência, esta pobre alma, latina e semi-colonial. Mas esse "contra" teve consequências tristes; a pior delas é que, sem poder visitar a sua Pátria, senhor Acheson, eu não pude beber as lições de democracia e respirar o clima de liberdade; e passei mesmo a desconfiar de que essas coisas não são nem muito boas nem muito limpas, visto que se escondem da vista de um homem honrado e de boa fé, como costumam ser os Braga de Cachoeiro.

Eis porque fiquei assustado pelo fato do senhor dizer que aqui estava em sua casa; essa declaração me deu um certo sentimento melancólico de mim mesmo, e fiquei a me perguntar se, estando aqui o senhor em casa, não estarei, por acaso, sobrando eu. Ontem entrou pela redação o Dantinhas, que é inspetor da Imigração e bom amigo. Pois senti um vago susto quando ele veio me falar; não era nada; mas eu tinha acabado de ler o seu discurso na Câmara, senhor Acheson, e tive receio de que meu prazo de permanência no Brasil houvesse findado, e o senhor se negasse a me conceder outro visto.

O susto passou; mas não vale a pena esconder que continuo meio desconfiado; ainda estou com essa sensação desconfortável de estar morando de favor numa casa alheia, de onde a qualquer momento podem me mandar embora.

Do admirador, e inquieto.

RUBEM BRAGA

NO PRÓXIMO NÚMERO
COMICIO APRESENTA
ESTAS SÃO VELHAS



DUAS PAGINAS
HUMORISTICAS
DE
MILTON FERNANDES

DIARIAMENTE
EM TÔDAS AS BANCAS

O POPULAR

ORIENTAÇÃO de DOMINGOS VELLASCO e FRANCISCO MANGABEIRA

UM VESPERTINO COMPLETO PARA A
DEFESA DOS INTERESSES DO POVO
BRASILEIRO